DEDICATÓRIA

PARA A RITA, POR TUDO O QUE ESTÁ NESTE LIVRO
E POR TUDO O QUE SÓ NÓS SABEMOS.

PARA A CARMINHO.



NÃO É UM LIVRO DE AUTO-AJUDA. SE ACHOU ISSO, OLHE, ESTÁ TRAMADO OU TRAMADA.

Não é uma biografia. Não pretende ser, sequer, um livro de dicas para vida em casal. É só o testemunho da nossa vida, vista pelo lado mais limitado, desatento, desastrado e fatalmente culpado de tudo o que possa, de quando em vez, correr pior. O meu.

Como sabemos, entre marido e mulher, a culpa é nossa: a culpa escolheu o nosso género como abrigo natural, porque as mulheres não só sabem mais coisas do que nós, como usam isso a todo o instante, de forma activa ou por artes subliminares, quando nos deixam achar que fomos nós a tomar uma decisão.

Ou, em casos superlativamente felizes, por tão raros, em que nos dão a doce ilusão de termos simplesmente razão, seja no que for.

Não se pense, no entanto, que este é um livro de lamentações. É antes uma celebração.

É uma proposta para reflexão de maridos e mulheres que possam relacionar-se com coisas que aqui contamos, e possam conseguir rir das suas próprias manias, dos seus próprios hábitos, das coisas que vivem dia-a-dia e constituem a matriz do seu relacionamento.

Que possam encontrar nesses episódios da sua vida, o combustível para fazerem a máquina continuar a carburar. Ia escrever agora que o combustível é o amor, mas depois teria de assinar Nicholas Sparks, e ele já ganha o suficiente com os direitos de autor dos livros que escreve.

MAS ACHO QUE JÁ PERCEBEU A IDEIA.

A verdade é que tenho muita sorte com a mulher com quem casei, e quero que isso fique aqui escrito. As coisas escritas ganham eternidade, mais do que as palavras ditas, suponho.

Aprendi, e aprendo, muita coisa com ela. Sobre a vida e sobre mim próprio. E sobre o mundo, que é nosso, no nosso olhar.

Pedi-lhe um prefácio para este livro e ela, após dias a matutar no assunto, concluiu que não sabia o que dizer.

"POIS SE É TUDO TÃO MAGNÍFICO, MEU AMOR!", JULGUEI TER OUVIDO. MAS POSSO TER SIDO SÓ EU.

No dia-a-dia, fui percebendo que tínhamos criado, como qualquer casal, o nosso universo de idiossincrasias, o nosso código invisível e mudo mas que dominamos até no ar que respiramos, sempre que estamos juntos e mesmo quando não estamos. As regras, hábitos, vícios, sonhos, glórias e desgraças que dividimos pelos dois, desde o dia em que nos apaixonámos e decidimos que o caminho era em frente, juntos.

50 coisas que aprendi com a minha mulher, é, no fundo, uma longa carta de amor.

Tenham paciência e leiam. Pode ser que vos seja útil, e estão à vontade para usar alguma coisa para vos salvar de uma discussão, ou mesmo para acender a chama para uma noite tórrida.



ACENDER A LAREIRA COMO DEVE SER



Atenção: eu acho, e sempre achei, que sei acender uma lareira. Não é física quântica. Uso um método simples:

De forma primária e rude, começo por juntar umas pinhas, uns pauzinhos dos mais pequenos, e uma quantidade de acendalhas, distribuídas de uma forma criativa pelo chão da lareira. A quantidade de acendalhas é, para mim, importante. Rapidamente percebi que, para a minha mulher, a questão da quantidade de acendalhas não só não é apreciada como não é, de todo, incentivada. Ao invés, a minha mulher insiste que devemos poupar nas acendalhas.

Vamos lá ver: a ideia não é acender a lareira? É. E o mais depressa possível, para sentir aquele calorzinho bom, enquanto estamos no sofá, afinal, há poucas sensações domésticas tão agradáveis. Mas a minha mulher ensinou-me várias coisas: o meu método é esbanjador, tecnicamente pobre e de reduzida eficácia.

Ela ensinou-me que acender uma lareira é uma arte, e uma arte alicerçada em formas de lenha dispostas geometricamente e poucas acendalhas. Atenção: são poucas acendalhas. Não são, nunca são, jamais são, muitas acendalhas. Por Deus, não sejam garganeiros com as acendalhas.

Problema: ela faz uma espécie de pilha de fogo, com pinhas e acendalhas ao centro, e depois pauzinhos de lenha, daqueles mais pequenos e de fraca madeira, dispostos como se formassem um tipi índio. Às vezes está tanto frio que a minha mulher perde a cabeça, vai a uns restos de jornal e junta papel à pira, aumentando a velocidade da combustão. Junta a isso, aquela expressão muda mas definitiva do "Vês, é assim que se faz".

Uma vez, eu tentei, parvamente, aproveitar esta brecha e disparei: então pões papel que faz tanto fumo? Porque não pões mais uma acendalha?

Repare no suicídio evidente desta pergunta: Porque não pões mais uma acendalha? “Faz muito fumo contigo, que não sabes.”

Vamos refletir sobre esta sequência de palavras, aparentemente casuais e inocentes, mas que são, afinal, setas de fogo apontadas a mim, como, a investir selvaticamente contra um único soldado raso apanhado desprevenido numa clareira de um bosque.

“Faz muito fumo contigo, que não sabes.”

A verdade, a cruel verdade, é que, de facto, por artes que considero próximas da mais elementar feitiçaria, a lareira acende mais rapidamente e as brasas são melhores, com a técnica da minha mulher.

Em minha defesa, devo dizer, no entanto, que minha técnica permite mais espectáculo, mais incerteza sobre o resultado final, mais emoção. A minha mulher acende a lareira em modo *Tiki- taka*, tudo ali organizadinho, a funcionar geometricamente, supereficaz. Resulta? Sim.

Mas comigo a lareira transforma-se num espectáculo tipo *cirque du soleil* mas em que está tudo bêbado. Normalmente dá desastre, mas caramba, quando resulta é incrível. E pensar que basta juntar só mais umas três ou quatro, ou, digamos, catorze acendalhas!

Acrescente-se que, um dia destes, o frio de Inverno apertava e a minha mulher chegou a casa e deu com a lareira a arder ali bem forte. Olhou para mim, entre a curiosidade e o espanto e, antes que perguntasse, eu disse logo, escondendo quatro acendalhas numa mão, atrás das costas: fiz como me ensinaste, amor, juntei um bocadinho de papel de jornal.

“Qual?”, pergunta ela, mordaz. E eu: “O *Expresso* ó lá o que é.”

“Mas tu agora só lês jornais no *tablet!*”**,** diz-me ela.

Enquanto acionava o plano de emergência, dizendo: “Olha ali o *Rio*!”, apontando para o nosso cão na cozinha, aproveitei o desvio do olhar dela, que não terá durado mais de meio segundo, para atirar as acendalhas que tinha na mão, todas para a lareira, provocando uma mini erupção vulcânica.

Ela olha para a lareira a arder furiosamente e, antes que pergunte, eu remato para golo “Tens razão, amor. Assim é muito melhor.”

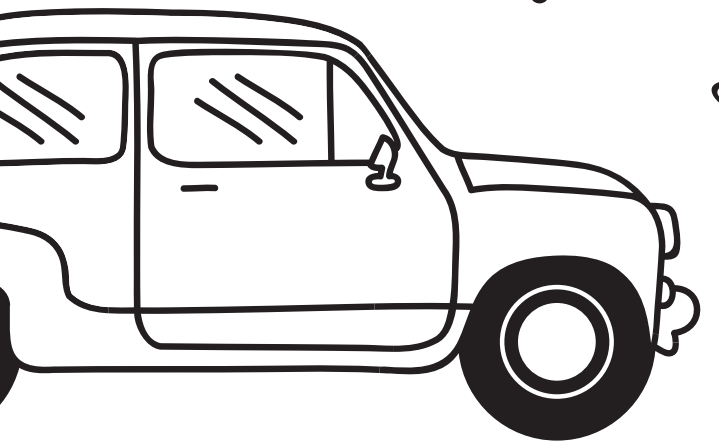
Já ia a sair, mentalmente agradecendo à imaginária bancada em delírio, quando ela me diz, olhando para a amarfanhada embalagem das acendalhas vazias:

“TEMOS DE IR ÀS COMPRAS.”

Enfim. Pelo menos frio ninguém passa nesta casa.



NO CARRO, A MÚSICA NÃO É DE TODOS



Das primeiras coisas que aprendi com a minha mulher foi a reconhecer, placidamente, a derrota na luta pela escolha da música que toca no carro. Na verdade, a minha surpresa foi a não existência de debate ou qualquer vestígio de dúvida da minha mulher. Da primeira vez que entrou no carro, não gostou da música que estava a tocar e simplesmente desligou o rádio, ou mudou de estação, ou mudou de faixa no Spotify. Assim, sem mais. Não houve nem preliminares nem cerimónia.

Confesso que, ao princípio, ficava num silencioso estado de ofensa. Mas depois fui percebendo que é só natural nela. Ela nem nota. Entra no carro e a música está alta. Não pergunta, baixa o volume. Entra no carro, está nas notícias, mete música. Chega ao carro, vem cansada, desliga a música. Aprendi rapidamente que, no carro, a música não é de todos. É dela. A dada altura comecei a elaborar uma autêntica tese, realizando testes. Comecei este trabalho de campo por uma técnica a que chamei: dar graxa musical, a ver.

Punha a banda preferida dela: os Coldplay. Nem sempre assegura que a música continua a tocar, notei, com espanto. Depende do seu *mood*. Resulta quase sempre, mas, às vezes não. Pode também acontecer ela escolher uma estação de rádio e obrigar-me a ouvir durante algum tempo, mesmo que eu não queira. Porque lhe apetece ouvir algo diferente e tal. Uma vez experimentei não ligar o rádio, de todo. Não há um padrão, descobri. Ou nem nota que não há música (não haver música no carro, repare bem nesta evidente falta de razoabilidade!) ou então ouve e se, por alguma razão, não gostar da música... já fui. O seu dedo indicador dirige-se, sem hesitação, ao botão e... estamos todos nas mãos de Deus, salve-se quem puder!

A única regra imutável é: quem manda na música é ela. Por sorte, gostamos de muita música os dois. E nada é pior do que as listas de músicas das crianças, *over and over again* com Caricas e afins. Nessas alturas, magia em modo Nicholas Sparks: o nosso olhar cruza-se e demora-se, desenhamos um sorriso que vem directamente do nosso coração inchado, o mundo fica por instantes em câmara lenta, a luz envolvente é, subitamente, de pôr do Sol com Photoshop tipo *CSI Miami*, mesmo que esteja a chover, e mudamos os dois de música ou desligamos o rádio. Damos a mão e seguimos. Normalmente em silêncio, que, nessa altura e só nessa, é música para os nossos cansados ouvidos.

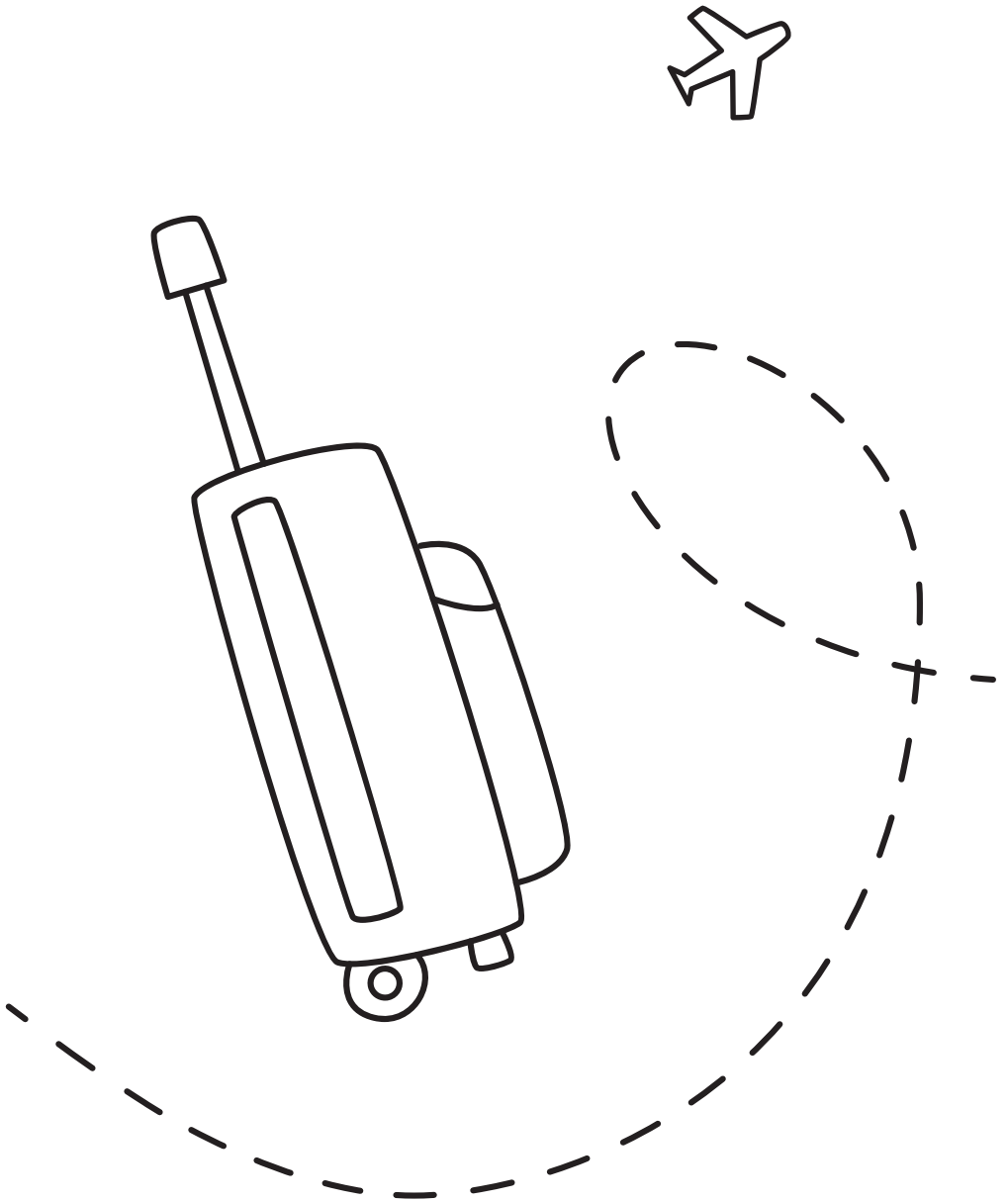
FAZER A MALA DE VIAGEM



Antes, na idade das trevas, o mundo era sombrio, não havia um vislumbre de discernimento, e, naturalmente, de cada vez que tinha de viajar, eu achava que fazia a mala de forma prática e eficiente. Mais: da única forma concebível, em anos e anos de evolução da espécie e da indústria Samsonite.

Ora, hoje percebo que, com a minha mulher, aprendi o que é fazer uma mala de viagem em termos, abrindo assim toda uma nova era de Iluminismo, de ar puro, de ordem e progresso, a minha mala é um sucesso.

Este é um clássico caso de antes e depois, como naqueles anúncios em que aparece um senhor com 430 quilos e, ao lado, o mesmo senhor, mas com atléticos 80 quilos. Milagre? Não. Provavelmente casou, é o meu palpite. A menos que seja aldrabice.



Mas voltando à mala. Como é que eu fazia, ingenuamente?

Abria a mala. Pegava na roupa dobrada e colocava-a, com esmero, na mala. Depois, ocupava, naturalmente, o rebordo interior com meias e cuecas, aproveitando assim todo o restante espaço disponível. Depois, por cima, calças dobradas em dois, para não amarfanhar, estendidas por cima dos montinhos de roupa, impecável. Do outro lado, ténis, sapatos, havaianas, o que fosse.

NESTA ALTURA, ORAR.

Porque só com muita fé é que se pode olhar para aquilo e pensar que se consegue fechar a mala, sem correr o risco de uma lesão muscular, sempre desagradável, e, não raras vezes, de demorada e dolorosa recuperação. Ninguém quer ir de férias nesse estado.

O que aprendi com a minha mulher foi que há um princípio básico para preparar uma mala para viajar: recusar o crescimento em altura. Apostar tudo na longitude.

No contexto de fazer a mala de viagem como deve ser, defende a minha mulher e eu aprendi isso com ela, longitude cria espaço, latitude é estúpido e pode levar a estiramentos e roturas; e tomara uma pessoa arranjar espaço na mala para Voltaren, gel ou comprimidos, uma vez que já está tudo tão apertado, tão comprimido, tão prestes a explodir, que qualquer movimento pode redundar em forte tragédia, trazendo tensão/escárnio entre as partes do casal.

LONGITUDE, POIS.

Roupas desdobradas, mas estendidas. Não em montes, mas, digamos, em camadas que ocupam a superfície interior da mala sem criar volume. Aproveitando o máximo de espaço da mala, de uma forma que ela classifica como natural e eu acho que é feitiçaria.

Se há um vestido ou uma camisa que sabemos que vai amarrotar: fica em cima e não no fundo. Sapatos? Espaço optimizado. Com as meias dentro, homem!

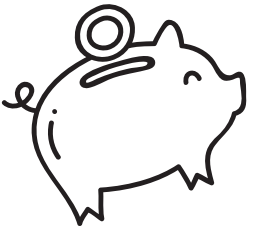
AH!

Sapatos encaixados, como nos surgem nas caixas, na sapataria. Não é lado a lado de qualquer maneira. Ouviste?

PRONTO.

Agora, quando viajamos juntos, tento sempre que vá tudo numa mala só. Ela faz, porque tem mais jeito. Golo!







SER FONA

Este é um ponto polémico. Não que não seja actual, mas o livro é sobre coisas que aprendi com a minha mulher. Terei aprendido a ser um fona? Um sovina que conta tostões e que faz milhões de contas antes de gastar um cêntimo a mais?

Não. Mas aprendi a ser mais poupado, sim.

Para a minha mulher, o princípio sagrado é: para quê gastar 10 se posso gastar 5. Ou 2. Ou nada.

Para mim é: para quê a seca de andar nos kustosjustos.pt e quejandos, para quê percorrer todas as promoções de folheto, as prateleiras do supermercado em busca de artigos com preço reduzido, quando, às vezes, a diferença são cêntimos?

Muitos poucos fazem muito, não é? Dizem que sim.



A minha mulher ensinou-me que, pequenos hábitos de poupança fazem a diferença. Eu, quando marcava uma viagem, por exemplo, ia ao *site* de companhia aérea e levantava voo. Ela mostrou-me toda uma miríade de *sites* que procuram por nós, em toda a vastidão da Internet, as melhores tarifas. E isto é válido também para o aluguer de um carro, por exemplo: ah, as memórias de uma travessia à Polónia num gélido *Kia Picanto*, que tinha um preço canhão, em vez do totalmente equipado *Golo* que eu estava mesmo prestes a reservar e ia custar o dobro ou lá o que era.

E aquelas vezes em que, tonto e distraído, sou apanhado na pergunta simples, mas para a minha mulher absolutamente capital: quanto é que pagámos?

Às vezes, saímos de um restaurante e sou surpreendido com esta pergunta. Não sei, juro que não sei. Paguei a conta há um minuto mas nem reparei. “Deve sido o costume”, respondo, disfarçando o tremelique, é um restaurante a que vamos muito.

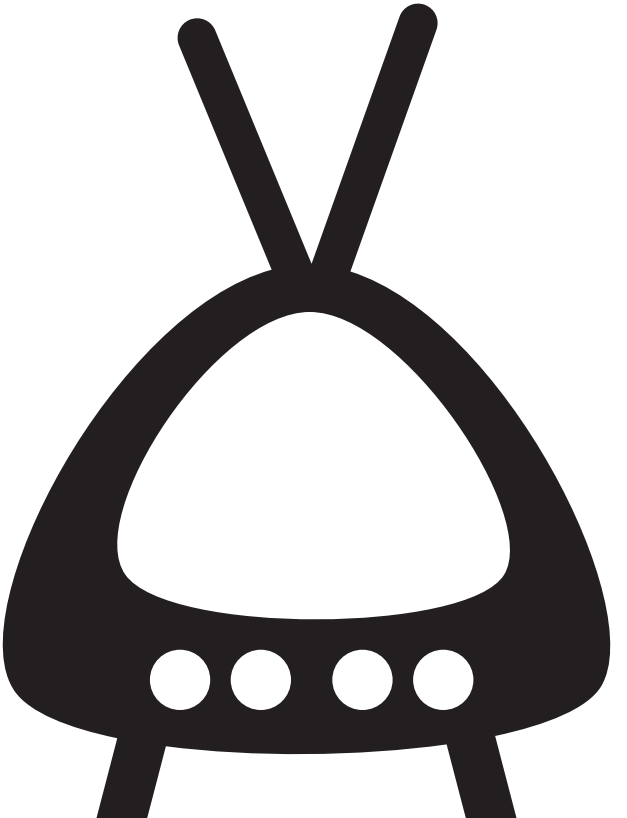
Ela percebe logo. E abana a cabeça em desaprovação. Se quiserem enganar-nos, é fácil, desde que seja eu a tratar do pagamento no multibanco. Tenho mesmo jeito para milionário, no sentido de ser desprendido em relação ao dinheiro, mas nunca o serei porque, ao contrário da minha mulher, sou, digamos, menos atento a contas e custos. E nunca ninguém enriqueceu não sabendo quanto acabou de pagar nem há um minuto.







“POR AMOR DE DEUS,
VÊ À VONTADE” QUER DIZER
“LIVRA-TE DE VER
ISSO SEM MIM”



Muitas séries de televisão são momentos de cumplicidade e partilha num casal. No nosso caso, partilhámos a angústia de *Handmaid's Tale*, o dramalhão do *This is Us* e as aventuras do gangue da *Casa de Papel*. Até que decidi começar a ver a afamada *Guerra dos Tronos*. Um dia, logo ao segundo ou terceiro episódio, a minha mulher anunciou que estava muito cansada e ia dormir. E eu, precavido para estas armadilhas conjugais, disse logo, pronto a fazer *stop* no episódio que estávamos a ver: "Então eu paro isto e vemos depois, os dois."

E veio a resposta mortal:

"POR AMOR DE DEUS, AMOR, VÊ À VONTADE."

As guerras políticas e as sangrentas batalhas entre Starks e Lennisters não me prepararam para a complexidade que essa frase, aparentemente generosa e graciosa, encerrava, na verdade.

Todas as cambiantes de "Por amor de Deus vê à vontade", revelar-se-iam, cruéis como os clãs da norte da Muralha, duas semanas mais tarde.

Vamos no carro e eu comento que vem aí a nova temporada de *Handmaids Tale*, e que coincide mais ou menos com a nova temporada da *Guerra dos Tronos*. Resposta:

"TANTO ENTUSIASMO POR ESSA SÉRIE, QUE EU NEM SEQUER ESTOU A VER! ANTIGAMENTE VÍAMOS SÉRIES EM CONJUNTO..."

E, subitamente, a *Guerra dos Tronos* deixou de ser um tema leve, para passar a ser um anátema inesperado mas com o seu quê de ferocidade.

Então, mas não tinha havido ali uma explícita abdicação de visionamento a dois deste série? Aconteceu até invocação do divino, "Por amor de Deus". Como tantas vezes acontece num casal, nem sempre o que uma mulher nos diz quer dizer exactamente o que nós julgamos. Temos de deixar de ser tão básicos, tão terra-a-terra na forma como recebemos o que nos é dito pela nossa mulher. Há que estar atento, perceber *nuances* e prazos de validade das opções e sentido de decisões tomadas, cujo sentido muda de forma imperceptível e a partir desse instante o "Por amor de Deus, vê à vontade" passa a "Livra-te de ver isso sem mim". Agora vejo a série às escondidas, pego no telefone e escondo-me num canto do sofá, ou no anexo, ou mesmo na casa de banho, vendo clandestinamente os quilómetros e quilómetros de episódios, rezando para não ser apanhado, não vá a minha mulher desembainhar a espada e aplicar um castigo que transformará a nossa casa num castelo; em vez do *Rio*, aparece-me um Dragão no jardim, tenho de vestir uma armadura e esperar que o Senhor da Luz tenha misericórdia de todos nós. "*Fear cuts deeper than swords*".





MASSA, PRINCÍPIOS BÁSICOS

Faço espaguete desde que me conheço. Em miúdo foi mesmo das primeiras coisas que aprendi a fazer. Mas a minha mulher elevou a minha técnica a um nível superior.

O ritual: escorrer a massa, passar por água fria, voltar a pôr no tacho e juntar um pouco de manteiga.

E, muito, mas muito importante: não cortar o esparguete...

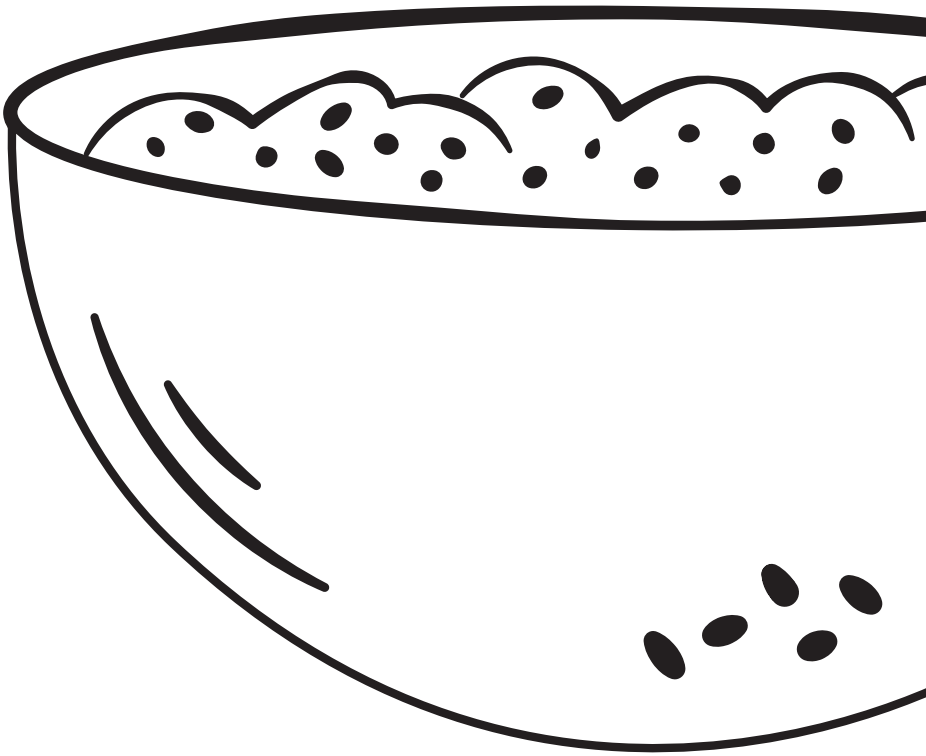
...NUNCA, JAMAIS, EM CASO ALGUM.

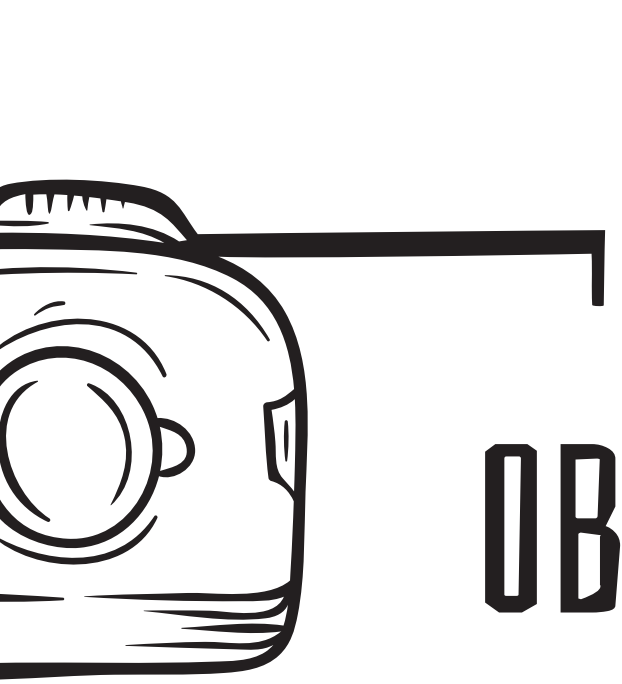
ARROZ.

TALVEZ NO PRÓXIMO VOLUME.

Nunca consegui fazer arroz como deve ser. Ou fica muito seco, ou fica muito aguado. Ou fica sem sabor ou muito salgado.

À ÉPOCA EM QUE ESTE LIVRO ESTÁ SER ESCRITO, ESTE PONTO AINDA ESTÁ LONGE DE ESTAR NO PONTO.





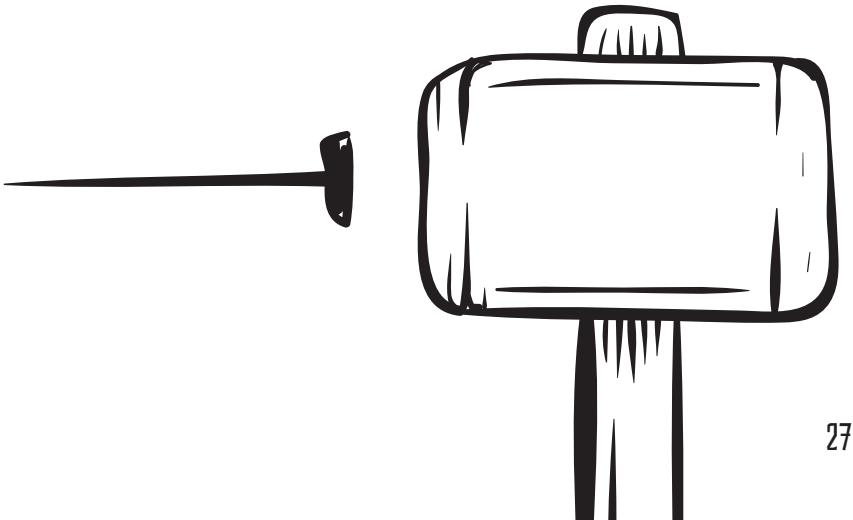
OBRAS

Contrariando o cliché, aqui em casa quem orientou toda a obra de construção (na verdade foi uma reformulação) da nossa casa, foi a mulher. A Rita, metódica e organizada como é, controlou tudo desde o primeiro dia. Das tábuas para a sala e corredor à pastilha das casas de banho, dos pontos de luz à calçada para o jardim. Eu fui completamente varrido por um ciclone de organização e controlo orçamental, e está tudo bem. Cada um é para o que nasce. A Rita, que nunca tinha feito uma obra destas, deu com ela a varrer folhas de cálculo com orçamentos, sempre revistos em baixa, na lógica da poupança, e eu fiquei a admirá-la ainda mais, porque, entre os miúdos que já cá estavam e a Carminho que aí vinha, entre a profissão de todos os dias e tudo o que implica o quotidiano, ela foi capaz de controlar a obra, fazê-la andar para frente, assumir guerras com fornecedores, assegurar que os prazos eram relembrados com veemência a quem de direito e foi, para mim, mais um motivo para a admirá-la ainda mais: que grande mulher.

Para mim, que sou desatento e desorganizado, a forma absolutamente firme como ela geriu tudo, deixou-me boquiaberto. Sinto-me capaz de edificar uma cidade nova: estradas, ruas, jardins, escolas, hospitais, prédios, transportes públicos e saneamento. Bem, na verdade acabaria por nomear a Rita presidente da câmara, ministra das obras públicas, gestora de fundos comunitários, e também engenheira, pedreira, canalizadora. Porque ela faz, enquanto eu ainda estou a pensar no assunto. Com ela aprendi que, numa obra como esta, há que ser implacável com o cumprimento de prazos, muito rigoroso com a escolha de materiais e equipas de trabalho, e que... ela tem, além do mais, um imbatível bom gosto.

Noutro dia, diz ela assim:

GOSTAVA DE CONSTRUIR UMA CASA.
SEI QUE VOLTAREMOS AO ASSUNTO.
ELA É ASSIM.



A FÉ



Sempre fui um homem de fé, mas foi a Rita que fez com que eu encontrasse um equilíbrio entre a doutrina católica e a minha fé em Deus. Porque me mostrou que é possível ir à missa, e respeitar o ritual todo, mesmo que haja ali zonas da mais elementar descrença da minha parte. Porque me mostrou que não preciso de ser católico militante para conseguir sentir emoção quando estivemos juntos na Capela Sistina, e ela me deu um fio que trago sempre comigo ao pescoço. Mesmo que aquela cruz signifique Rita para mim, mais do que qualquer conotação mais religiosa. Mas fiz as pazes com a face boa da Igreja, luminosa, piedosa, humanista, pela Rita, depois de muitos anos zangado com a parte sinistra da instituição, e com essa sombra a tomar conta de tudo. Aprendi que continuo fiel aos meus princípios, e ela aos dela, olhando para a fé desta maneira, mais de uma forma parcial e fácil. A Igreja vive em permanente contradição, mas aceita numa via estruturante: uma linha que separa o bem do mal. E dentro da Igreja, como em qualquer obra do Homem, encontramos porções das duas coisas.

Aprender a valorizar o bom, sem deixar de estar atento e ser firmemente crítico do horrível, foi obra da Rita. E sentir que Deus esteve e está connosco tantas vezes é tão natural como respirar. Nunca nos esquecemos de Lhe agradecer, e eu dou, sim graças a Deus, pelo nosso encontro, na vida.

TODO O SANTO DIA.



RECICLAGEM

Nos nossos primeiros tempos, disparei, imprudente, a seguinte bojarda:

“Se eles depois misturam o lixo todo, para quê estar a ter o trabalho de separá-lo, em casa.” Bom, com esta passou-se. E cá estamos, todos estes anos depois. Só pode ser amor.

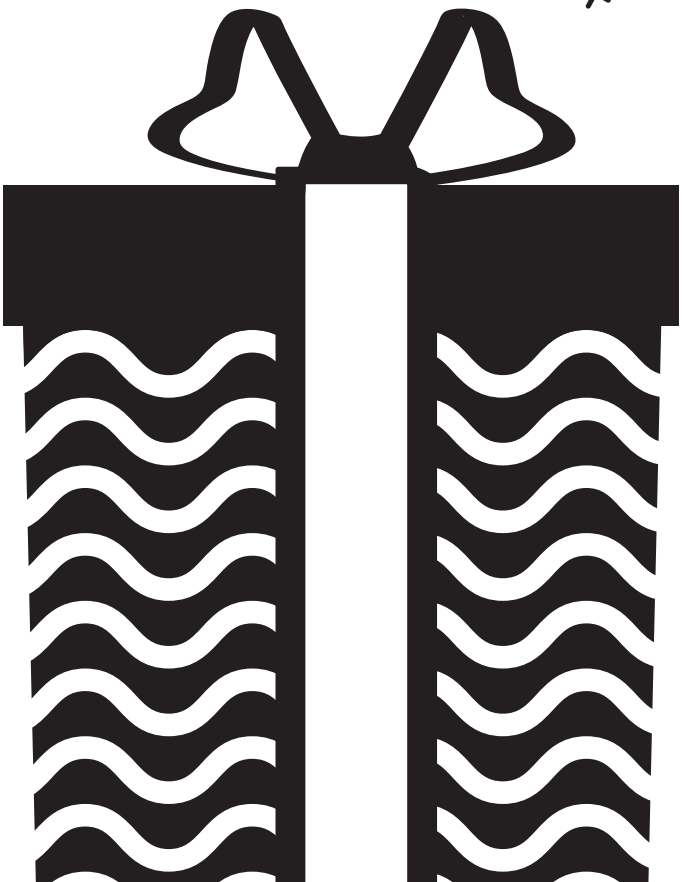
Porque a Rita abriu-me os olhos para a necessidade de olhar pelo planeta. Uma urgência nossa como adultos responsáveis, mas também como pais, que devemos ter sempre presente a preocupação de passar sempre os valores correctos aos nossos filhos. A urgência de zelar pelo planeta, de estarmos informados sobre poluição, aquecimento global, energias renováveis e sustentáveis, tudo isso começa no nosso dia-a-dia, e em casa.

Com a Rita aprendi a dinâmica do azul, verde e amarelo. Qual é que é para quê? Não brinquem comigo. Sei perfeitamente.

TENHO DE IR.



FAZER EMBRULHOS



Este é ainda um ponto em fase de desenvolvimento. Mas já se ultrapassaram algumas duras provas. Para começar, como diabo se dobra papel, de forma a evitar os chamados *gadamolhos*. A minha mulher olha para a tarefa de fazer um embrulho com aquele ar *blazé*, de quem fará isso de olhos fechados, eventualmente mexendo uns ovos para o pequeno-almoço, ao mesmo tempo.

Mas, para mim, saber a quantidade certa de papel a cortar; saber usar a fita-cola de forma a que esta não salte à vista, como um farol da falta de jeito, no momento da pessoa desembrulhar; saber fazer aquelas misteriosas dobras dos cantos, e ficar ali tudo lisinho, impecável... tudo se me afigura de uma complexidade profunda. Julgo que seria mais fácil eu aprender a matéria de matemática do secundário em meia dúzia de dias. E note-se que os meus manuais M7, M8 e M9 estão, ainda hoje, imaculados, da flagrante falta de uso!

Como digo, hoje em dia, devido à paciente insistência formativa da minha mulher, eu já arrisco embrulhar... vá, uma caixa. Uma caixa simples, lados direitos. Peço ajuda nos topos da caixa. Ah peço!

MAS DESENRASCO-ME.

Próximo desafio: neste Natal estou a pensar em oferecer uma bola de futebol aos miúdos. Considero a tarefa de embrulhar uma bola, o Santo Graal da nobre arte de fazer embrulhos. Mas sou crente. Sobretudo nas imortais, sábias e comprovadamente eficazes palavras, ditas nesta sequência:

"RITA, MEU AMOR..."